

Manchete

esportiva

SÃO PAULO CAMPEÃO DO BRASIL



Rio de Janeiro, 7 de março de 1978 — N.º 21 — Cr\$ 15,00 (Amazonas, Pará, Acre, Roraima, Rondônia e Amapá, via aérea: Cr\$ 18,00)

uma publicação
bloch





SÃO PAULO 3 x 2 ATLÉTICO

(decisão por pênaltis)

Depois de 120 minutos dramáticos, a nervosa decisão por pênaltis premiou o time que jogou o melhor futebol

SÃO PAULO CANTOU DE GALO

O título de campeão brasileiro foi para o São Paulo, surpreendendo a maioria. Surpresa que começou no exato momento em que a bola rolou, no Mineirão. E quem pensava em assistir a um domínio do Atlético MG viu logo que o São Paulo fora a Minas para vencer. Por trás de toda uma estratégia de jogo, as mãos e a cabeça de um técnico, que nem no seu túnel estava, pois se encontra suspenso por 60 dias. Rubens Minelli armou sua equipe de tal forma que conseguiu anular a eficiência do melhor ataque do país. Levou, assim, o time paulista para uma decisão por pênaltis da qual saiu vencedor. E ele, o técnico, conquistou o seu quarto título brasileiro: um pelo Palmeiras, dois pelo Internacional e, agora, mais esse, com o São Paulo.

Frederico Mendes

A explosão da vitória paulista, em contraste com a penosa caminhada do herói vencido, o goleiro João Leite, do Atlético. Não há melhor retrato do que aconteceu domingo, no Mineirão.



Flávio Canalonga

Teodoro em luta com Ângelo, Toninho Cerezo e Márcio (de costas). Foi um jogo duro, mas honestamente disputado por todos.

O São Paulo esteve sempre mais perto da vitória, mostrand



Frederico Mendes

Dario Pereyra e Toninho Cerezo, um duelo constante — e até ríspido — durante toda a partida. No final, eles também empataram.



Caio, Tecão, Chicão, Marcelo e Bezerra (ao fundo); no auge do temporal, o calor da decisão do Campeonato Brasileiro de Futebol.

o-se preparado para a grande decisão, em todos os sentidos

MOVIMENTO TÉCNICO

TIMES: Atlético MG — João Leite (9); Alves (7), Márcio (6), Vantuir (6) e Valdemir (5); Toninho Cerezo (6), Ângelo (8) e Marcelo (6) — depois, Paulo Isidoro (8); Serginho (6), Caio (5) — depois, Joãozinho Paulista (4) — e Ziza (7). São Paulo — Valdir Peres (8); Getúlio (5), Tecão (7), Bezerra (6) e Antenor (7); Chicão (6), Teodoro (7) — depois, Peres (7) — e Dario Pereira (8); Zé Sérgio (8), Mirandinha (5) e Viana (7) — depois, Neca (5). **JUIZES:** Arnaldo César Coelho, auxiliado por José Roberto Wright e Valquir Pimentel. **LOCAL:** Mineirão. **RENDA:** Cr\$ 6.857.080,00. **PÚBLICO:** 102.974 espectadores. **1.º TEMPO:** Atlético MG 0 x 0 São Paulo. **2.º TEMPO:** Atlético MG 0 x 0 São Paulo. **PRORROGAÇÃO:** Atlético MG 0 x 0 São Paulo. **DECISÃO POR PÊNALTIS:** São Paulo 3 x 2 Atlético MG. **BATEDORES DOS PÊNALTIS:** Atlético MG — Toninho Cerezo (0), Ziza (1), Alves (1), Joãozinho Paulista (0) e Márcio (0). São Paulo — Getúlio (0), Chicão (0), Peres (1), Antenor (1) e Bezerra (1). **CARTÃO AMARELO:** Ângelo, Serginho, Bezerra, Teodoro, Tecão e Neca.

Zé Sérgio e Valdemir: o ponteiro paulista levou nítida vantagem.



Sérgio de Souza

■ ATLETICO MG — 8,5

□ SAO PAULO — 8,1

JURADOS	CLUBES	EMPENHO	DEFESA	MEIO DE CAMPO	ATAQUE	PREPARO FISICO	DISCIPLINA TÁTICA	DISCIPLINA	MÉDIA
Warley Ornelas (Est. de São Paulo)	Atlético MG	9	9	8	6	10	7	9	8,2
	São Paulo	8	9	9	4	4	9	8	7,2
Antônio Lafaiete (O Globo)	Atlético MG	9	8	8	6	9	8	9	8,1
	São Paulo	8	9	8	5	8	9	8	7,8
Wanderley Lima (Jornal Minas)	Atlético MG	10	7	9	8	10	9	9	8,9
	São Paulo	8	9	9	8	8	10	8	8,5
Lucio Braga (D. da Tarde)	Atlético MG	9	8	10	8	10	9	10	9,1
	São Paulo	9	8	8	7	9	9	8	8,2
Daniel Gomes (MANCHETE ESPORTIVA)	Atlético MG	9	9	8	8	9	9	7	8,5
	São Paulo	9	9	8	9	8	10	9	8,8



Frederico Mendes



Sérgio de Souza

Márcio e João Leite estiveram bem durante o jogo. Nada a reclamar deles.

O jogo foi violento em certos momentos. Mas leal.

Em tudo que o São Paulo fez havia o dedo matreiro do t

AS SUADAS GLÓRIAS DO MORUMBI

Para muitos pode passar despercebido. O torcedor chega, fica encantado com o estádio, assiste ao jogo e vai embora. Mas naquele estádio do Morumbi há, escondida, uma história de muitas glórias conseguida com suor e esforço, ilusões e sacrifícios. Depois de passar por tudo isso, hoje, o São Paulo é um time tranqüilo, que tem uma situação financeira bastante estável, um grande time de futebol, e um belo parque poliesportivo.

O São Paulo foi um time de muita fibra. Nasceu, morreu, se reergueu, e até chegar à situação de hoje muitos sacrifícios foram feitos. Surgiu da fusão de dois clubes no ano de 1929 — o Clube Atlético Paulistano, que resolveu extinguir seu futebol, e a Associação Atlética Palmeiras, que passava por uma séria crise financeira. Diretores e associados do Paulistano, não aceitando sua extinção, procuraram a direção da A.A. Palmeiras e juntaram suas forças para fundar um novo clube: o São Paulo Futebol Clube. A data oficial de sua fundação é 27 de janeiro de 1930. Com as cores da A.A. Palmeiras (preto e branco) e as do Paulistano (vermelho e branco) os uniformes do quadro de futebol foram desenhados. E no dia 12 de fe-

vereiro de 1930 o São Paulo realizou seu primeiro treino na chácara da Floresta. Quase um mês depois, um público muito bom compareceu à sua estréia na inauguração do estádio da Floresta. O ponta-direita Formiga foi o autor do primeiro gol oficial do São Paulo. O adversário foi o Clube Atlético Ipiranga, e o resultado final marcava 3 a 1 para o São Paulo. Depois da estréia — em 9 de março de 1930 —, o São Paulo não demorou muito para conseguir o seu primeiro grande feito: ser campeão paulista no ano seguinte. Já nessa época, como hoje, o São Paulo era chamado de clube de elite. Mas por quê? A maioria dos seus diretores e conselheiros, descontentes com a extinção do Paulistano que era um clube de classe A, juntaram-se para fundar o São Paulo. Conseqüentemente, os apaixonados pelo futebol, na falta do Paulistano, começaram a torcer para o São Paulo. Os torcedores como diretores eram, na maioria, de classes privilegiadas. Assim o São Paulo passou a ser considerado o clube da elite, o que ainda hoje é justificável.

Nem por isso o São Paulo deixou de passar por crises e até por falências. Os anos foram passando e 1934 não pa-

recia muito promissor para o São Paulo, que passava por uma séria crise financeira. Devia à praça cerca de 200 contos de réis. Não bastasse isto, nesta mesma época, havia estourado uma nova cisão no futebol paulista: Corinthians e Palestra deixavam a APEA e filiavam-se à CBD. O São Paulo resolveu fazer o mesmo. Muitos membros do Conselho Deliberativo não concordaram e buscavam uma fusão com o Clube de Regatas Tietê. Formou-se então uma rebelião e a situação tornou-se grave. Ficou então decidido que o São Paulo encerraria suas atividades como clube de futebol — isto em 14 de maio de 1935.

O inconformismo tomou conta de muitos jovens são-paulinos que reagiram energeticamente contra a extinção do clube. Assim, em 4 de junho de 1935 estes jovens — cerca de 250 — se reuniram e fundaram o Clube Atlético São Paulo cuja sede era no Largo da Sé n.º 3. Mas em outra assembléia realizada no dia 16 de outubro de 1935, na Rua 11 de Agosto e presidida pelo então Tenente Porfírio da Paz, foi adotada a antiga denominação do clube, ou seja, São Paulo Futebol Clube.

O São Paulo teve como primeiro presidente Manoel

do Carmo Meneca. Este homem teve a incumbência de reunir outros tricolores que haviam se desligado na fusão anterior. Todos aderiram ao novo São Paulo que começava a crescer. O clube vendeu o campo da Cia. Antártica Paulista e comprou o antigo estádio da A. A. de Esportes Canindé. A mudança para o Morumbi se deu somente em 1960 quando era presidente Cícero Pompeu de Toledo. O Morumbi começou a ser construído em 1953. Foi inaugurado — não oficialmente, pois ainda estava inacabado — em 2 de outubro de 1960 com uma vitória do São Paulo sobre o Sporting de Portugal por um a zero. A conclusão da obra aconteceu dez anos depois da inauguração parcial do estádio em 1970, quando São Paulo e F. C. do Porto fizeram um amistoso conseguindo levar mais de cem mil pessoas.

Nesses quarenta e três anos de existência, o São Paulo conseguiu muitos títulos. Foi campeão paulista nos seguintes anos: 1943; bicampeão em 45/46; bicampeão em 48/49; campeão em 1953; campeão em 1957; bicampeão em 1970/71 e campeão em 1975. Conseguiu ainda um vice-campeonato brasileiro e um vice-campeonato na Taça Libertadores das Américas.



O São Paulo esteve sempre mais perto do gol, porque teve mais audácia para tentá-lo, no tempo normal e até na prorrogação.

cnico Rubens Minelli, um requintado ganhador de títulos



O resultado natural: a vitória do que jogou melhor. E a alegria.

Frederico Mendes



Os grandes ausentes

Atlético e São Paulo jogaram durante cento e vinte minutos e não saiu nenhum gol. A explicação talvez esteja na ausência de dois grandes artilheiros — Reinaldo, do lado do Atlético, e Serginho, do lado do São Paulo, ambos suspensos por agressões. Sem Reinaldo e sem Serginho, as emoções do espetáculo se limitaram ao perigo que rondou as duas áreas em certos lances da partida, sem contudo, se chegar ao momento culminante do gol. Fora das quatro linhas, os dois goleadores viam seus substitutos sem qualquer inspiração para alcançar o arco adversário. Uma falta de inspiração que se estendeu até mesmo aos pênaltis, aproveitados em pequeno número. Sem o rei mineiro e sem Serginho, a decisão acabou sofrendo um rude golpe, pois não se suspende impunemente dois artilheiros do nível de Reinaldo e Serginho.

Futebol é bola na rede, se ganha é no campo, com inteligência, coragem, picardia e, até, um pouco de pilantragem, que às vezes é um mau essencial

de Marco Antônio Rodrigues

QUE ninguém mais levante a dúvida de que futebol não se ganha fora do campo. A vitória do São Paulo neste Campeonato Brasileiro é a mais recente e flagrante prova de que o trabalho do técnico, dos preparadores físicos, da equipe médica e dos dirigentes acaba influenciando decisivamente na atuação dos jogadores.

A campanha do São Paulo neste campeonato revelou o grande êxito de uma Comissão Técnica persistente, capaz, que fez de um time em reformulação, deficiente, fraco, uma equipe de futebol objetiva, competitiva — e até com momentos de genialidade técnica.

Só mesmo num clube como o São Paulo uma Comissão Técnica deste nível conseguiria impor suas idéias, seu custo, seu método de trabalho, que a princípio só trouxe maus resultados ao time. Mas que, a médio prazo, compensou toda a angustiante e incerta espera da sua primeira fase de trabalho.

E os dirigentes neste caso tiveram importância simplesmente por acreditar neste tipo de trabalho, não negando recursos para sustentar uma equipe de um técnico (Rubens Minelli), um auxiliar (Mário Giuliano), um grupo de quatro preparadores físicos (comandados por João Paulo Medina), além de médicos e massagistas.

Esse grupo, assessorado pelo diretor de futebol José Douglas Dallora (elemento de ligação entre o departamento de futebol e a diretoria do clube), teve total autonomia nos assuntos do futebol. Contratou os jogadores que quis, mandou embora os que julgava inconvenientes e acabou dominando totalmente o ambiente dos jogadores.

E no São Paulo, mais do que em qualquer outro clube de futebol do Brasil, isto é perfeitamente possível. Não há a mínima interferência dos dirigentes ou da própria torcida no trabalho comandado por Rubens Minelli. O Morumbi está sempre vazio nos treinos da equipe. E conta raramente com a presença dos dirigentes, que tratam de todos os problemas do futebol com a máxima discrição nos seus suntuosos escritó-

rios localizados na Zona Sul de São Paulo.

Tudo isso sempre trouxe aos jogadores um clima de extrema tranquilidade profissional. Nos últimos anos, por exemplo, não houve um único caso entre jogador e diretoria que viesse a público. Na pior das hipóteses, os eventuais descontentamentos não passaram nunca de simples rumores. Por isso é raro encontrar um jogador descontente no São Paulo.

Mas, apesar desta dourada imagem que o clube sempre fez questão de manter, ainda há resquícios de uma intensa batalha travada nos bastidores do futebol e que só agora, com a sua presença nas finais do Campeonato Brasileiro, é que determina a total vitória de Minelli.

O técnico, na verdade, no seu primeiro período (que podemos limitar até o final do Campeonato Paulista e a sua desclassificação num jogo contra o Corinthians), viu frustradas as suas tentativas de modificar o futebol da equipe graças ao intransigente comportamento de um grupo de jogadores ligados ao ex-treinador José Poy.

Aos poucos, porém, estes jogadores foram sendo afastados. Paranhos, Arlindo, Nelson, Gilberto e Terto foram negociados. E Pedro Rocha, o mais ligado a Poy, o jogador que praticamente escalava a equipe, está afastado e deve ser negociado nos próximos meses com o Chicago Sting, do Estado de Illinois, nos Estados Unidos.

Para substituir esses jogadores, Minelli teve muitos problemas. Só mesmo durante este Campeonato Brasileiro o time começou a assimilar o seu esquema tático. Principalmente na defesa, o time custou muito a se acertar. E com uma agravante: todas as indicações da Comissão Técnica para a compra de zagueiros de área acabaram redundando em terríveis fracassos.

Isto impossibilitou que o trabalho de Minelli aparecesse mais rapidamente. O São Paulo investiu uma grande soma em contratações — cerca de Cr\$ 14 milhões — que não deram certo; à exceção apenas de Dario Pereyra e Getúlio.

E as críticas a estas aqui-

sições — Jaime, Marcos, Mickey, Zequinha, Hermínio, Marinho e Eduardo — abalaram a confiança do técnico em seus jogadores. Mas Minelli não desistiu. Metodicamente, ele foi implantando o seu esquema de jogo e o time melhorando tecnicamente, apesar de não se livrar de algumas fulminantes derrotas.

O último jogador que ainda não se enquadrou perfeitamente no plano de Minelli é Pedro Rocha. E, apesar de merecer um ilimitado prestígio junto ao presidente Henri Aïdar, não significa nenhuma oposição ao novo esquema de trabalho do clube — principalmente depois da consagração de outro uruguaio — Dario Pereyra, — como jogador de grandes recursos.

Mas a caminhada do São Paulo para atingir este nível que o levou à finalíssima do Campeonato Brasileiro foi extremamente difícil. A rigor, o time só não decepcionava no gol (Valdir Peres ou Toinho), em duas posições do meio-campo (Chicão e Teodoro) e, também, em duas posições do ataque (Zé Sérgio e Serginho).

A primeira solução para as posições problemáticas ocorreu na lateral direita, com a contratação de Getúlio, do Atlético Mineiro. Além de resolver este problema tático, surgiu a oportunidade de se desfazer de Gilberto e Nelson de uma vez, vendendo-os ao Santos, pois eles faziam parte do grupo do antigo técnico.

Na outra lateral, Minelli insistiu tanto em Antenor que ele finalmente acabou respondendo. Se não é um grande jogador, tecnicamente, pelo menos o seu setor passou a ser menos vulnerável.

No ataque, a combatida contratação de Neca — entre a Comissão Técnica apenas Minelli foi a favor da sua compra — acabou beneficiando o centroavante Serginho, que atuava praticamente isolado no ataque. Com Neca na equipe, ele passou a marcar mais gols.

Zequinha, na ponta direita, também não deu certo, o mesmo ocorrendo com Marcos, que Minelli mandou buscar no futebol de Santa Catarina. Mas, o que deu nova consistência mesmo a este

time do São Paulo foi o aproveitamento de dois jogadores: Mirandinha e Dario Pereyra.

A recuperação de Mirandinha ofereceu uma série de opções táticas para Minelli armar o seu ataque, dependendo das características do adversário. Além de Mirandinha substituir, sempre com êxito, Serginho em suas suspensões ao longo do campeonato.

Dario Pereyra tornou-se importante porque foi lançado nos momentos mais decisivos. Ele entrou no segundo tempo do jogo contra o Grêmio e a sua atuação assegurou ao São Paulo o direito de participar do segundo turno da fase final.

A imaginação do técnico também foi fundamental para solucionar, pelo menos em parte, o setor mais vulnerável de sua equipe: a sua dupla de zagueiros de área. Ficou Bezerra de quartozagueiro (e este acabou sendo o mais seguro jogador da defesa) e modificou a posição de Estêvão (o menos ruim entre os disponíveis), deixando-o mais como líbero, sobrecarregando os trabalhos de Chicão e Teodoro na marcação.

Assim, o São Paulo ganhou formas de um time competitivo graças exclusivamente a um longo exercício de imaginação (e tentativas) por parte do seu técnico. Sempre, é claro, assessorado por uma Comissão Técnica igualmente persistente, minuciosa na execução das suas funções — especialmente o talentoso professor João Paulo Medina.

A maior derrota dessa Comissão Técnica foi a de não conseguir modificar o comportamento de Serginho, o artilheiro e grande jogador do time. Na parte disciplinar, apesar de tantas palestras (e duas multas nos seus vencimentos), o resultado está na suspensão de um ano e dois meses que o jogador recebeu em virtude da agressão ao bandeirinha Vandevaldo Rangel, no último jogo contra o Botafogo, em Ribeirão Preto. Mas até em relação a Serginho houve importantes vitórias. Tecnicamente ele evoluiu com Minelli, passou a se colocar melhor em campo, a cabecear, a marcar muito mais gols. ■



A IMPORTÂNCIA DAS JOGADAS ENSAIADAS NO FUTEBOL DO BRASIL DE HOJE EM DIA

HÁ muito tempo que o futebol brasileiro vive em função da habilidade individual dos seus jogadores. Do talento de cada um dependeu a conquista de três copas do mundo. Foi assim que o time do Santos formou a maior equipe do mundo. Treinando pouco e jogando muito. Os técnicos daquela época tinham o trabalho de sentar no banco e assistir ao jogo. Dizem que o Vicente Feola chegava a tirar algumas sonecas enquanto a bola corria solta a favor do Brasil. Um tempo de Vavá, Pelé, Garrincha e Didi.

Depois da convocação de Coutinho, eu estive pensando muito sobre o material humano que o treinador da Seleção Brasileira dispõe para a próxima Copa. Senti que houve uma certa coerência nos 21 jogadores escolhidos, principalmente quando todo mundo sabe que a época não é de grandes craques. Posso

estar errado, mas acredito que o Coutinho não está contando muito com a habilidade individual de cada jogador, e sim na prioridade do esquema tático apoiada pelo talento.

Entretanto, não é segredo para ninguém, o jogador brasileiro nunca se preocupou muito com a sua preparação tática dentro do campo. Muito raramente eu assisto a partidas onde as jogadas ensaiadas saem normalmente, apesar da importância de que elas se revestem no futebol de hoje, quando surgiu a necessidade de um maior aprimoramento dos esquemas táticos, uma melhor condição física dos jogadores.

Um exemplo claro do que estou falando foi o jogo São Paulo e Operário, partida que foi decidida a favor do tricolor em três lances de bola parada, três jogadas ensaiadas. Enquanto o São Paulo tentou

furar o bloqueio da equipe de Campo Grande de qualquer maneira, com jogadas individuais, não aconteceu nada. Serginho, até os 30 minutos do segundo tempo, podia ser considerado o pior jogador do São Paulo. Então, o São Paulo resolveu usar uma jogada muito conhecida no futebol de salão. Correu Serginho, passou pela bola, atravessou a barreira e recebeu um toque preciso por cobertura de Chicão para furar a rede. Era o primeiro gol e daí surgiram mais dois.

Particularmente, gosto muito do Minelli por essa sua capacidade de conseguir decidir uma partida através de jogadas ensaiadas. Trata-se de um grande estrategista que está renovando o futebol do Brasil. Espero que o Coutinho, como Minelli, consiga

fazer o mesmo com a Seleção do Brasil.



Flávio Canalonga

O jogo decorado do São Paulo.

O PERIGO DE DEIXAR DE FORA ALGUNS CRAQUES FORA-DE-SÉRIE

AO tempo em que a Holanda luta para ter Cruyff, a Alemanha sonha com Beckenbauer, Argentina e Suécia convocam seus craques do exterior; a Comissão Técnica da CBD se dá ao luxo de não utilizar Paulo César, Marinho e Nelinho, jogadores que são sempre escalados no chamado grupo fora de série.

Como o treinador Cláudio Coutinho se dispensou da obrigação de explicar a não convocação de alguns jogadores considerados importantes, a coisa fica no ar. Ninguém sabe ao certo se os três marginalizados nesta primeira etapa ficam de fora por opção técnica/tática pura e simplesmente, ou se sofreram pressão das chamadas forças ocultas. De Nelinho se fala num problema de joelho, que aumenta em jogos de temperatura baixa, como o Brasil vai enfrentar em Mar del Plata. Mas a exclusão de Paulo César e Marinho é dis-

cutida, recordando alguns que eles lideraram um movimento em Cáli, pedindo aumento de bicho. Mas não incluídos por decisão técnica/tática ou sofrendo também pressão das forças ocultas, o certo é que os três farão falta. Zagalo situou bem a coisa, colocando numa frase o que a torcida entendeu perfeitamente: "craque não pode ficar fora da Seleção". É certo que dos três — dois indiscutíveis: Paulo César e Nelinho — Marinho vem mal nos últimos campeonatos, tanto no Carioca, como no Brasileiro. Mas a seleção está com problema na lateral-esquerda, tanto que vai deslocar Edinho, voltando Rodrigues Neto à condição de quebra-galho, para entrar ocasionalmente em qualquer lugar da zaga, meio campo ou até no ataque, diante da condição versátil do jogador. Mas como titular não está sendo pensado. Portanto, se-



Sport Press

Marinho pode ficar de fora?



ria o caso de se provar novamente o talento de Marinho, apontado unanimemente como o melhor lateral-esquerdo da última Copa, oferecendo-lhe a derradeira chance de mostrar seus méritos, nesta condenada excursão da Europa e África. Só o poderoso chute de Nelinho, batizado pela inteligência de Otelô Caçador, como o chute eletrônico, que vai com a violência e a pontaria de sempre, deixando os goleiros na pior, justificaria sua convocação. Nelinho é tipicamente jogador de seleção e nunca deveria ter ficado fora desta. E Paulo César, atravessando fase exuberante, inclusive como garoto de colégio bem comportado, foi o mais injustiçado de todos. Entre ele e Romeu, foi como se numa final de um festival internacional de canção, os jurados dessem o 1.º lugar a Waldick Soriano, no confronto com Frank Sinatra...

CAMPEONATO NACIONAL-



Reinaldo, o artilheiro

O regulamento do campeonato nacional de 1977 só estabelece critérios de classificação até o 6.º lugar: é declarado campeão o clube que vencer o jogo final; vice-campeão, o que perder esta partida; 3.º colocado, aquele que tiver obtido mais pontos no 2.º turno da fase final, excluídos os dois clubes que disputaram o título; 4.º, quem tiver obtido menos pontos nesse 2.º turno; 5.º e 6.º, aqueles que tiverem conquistado mais pontos, no 1.º turno da fase final, excluídos os quatro que se classificaram para o 2.º turno. Daí para frente, MANCHETE ESPORTIVA estabeleceu critérios próprios para classificar os demais participantes, já que o regulamento da competição nada determina. Assim, foi tomado por base o total de pontos ganhos pelos clubes em todo o campeonato, ficando automaticamente entre o 7.º e 24.º lugar, os clubes classificados à fase final. Os que não passaram das semifinais, ficaram entre a 25.ª e 62.ª colocação. No caso de empate, ficou à frente o clube que obteve mais pontos (vitórias, saldo de gols, caso persistisse o empate) na última fase da qual participou.

JOGO FINAL
ATLÉTICO MG 0 X 0 SÃO PAULO
(na decisão por pênaltis, Atlético MG 2 X 3 São Paulo)



Zé Carlos, o menos vazado

COLOCAÇÃO	CLUBES	J	V	E	D	GP	GC	PONTOS GANHOS				
								FP	FS	FF1	FF2	T
1.º	Atlético (MG)	20	17	3	0	55	16	23	11	11	4	49
2.º	São Paulo	20	13	4	3	40	15	18	7	11	3	39
3.º	Operário	20	9	6	4	28	16	13	7	10	2	32
4.º	Londrina	20	10	4	6	33	28	8	7	12	1	28
5.º	Botafogo	18	11	7	0	28	8	19	7	11	—	37
6.º	Santa Cruz	18	10	5	3	33	15	13	7	10	—	30
7.º	Palmeiras	18	12	3	3	33	16	20	8	6	—	34
8.º	Ponte Preta	19	9	3	6	29	12	20	7	5	—	32
9.º	Flamengo (RJ)	19	9	6	4	28	11	21	7	3	—	31
10.º	Corinthians	19	10	6	3	24	7	16	9	6	—	31
11.º	Vasco	18	8	7	3	26	10	16	6	7	—	29
12.º	Bahia	19	9	6	4	26	11	16	8	5	—	29
13.º	Grêmio	18	9	4	5	31	18	17	4	7	—	28
14.º	Remo	18	4	12	6	26	18	13	4	8	—	25
15.º	Botafogo (SP)	18	8	4	6	28	21	14	4	6	—	24
16.º	Cruzeiro	18	6	7	5	30	27	15	5	4	—	24
17.º	América (RN)	19	6	8	6	23	24	10	11	3	—	24
18.º	América (RJ)	19	6	10	3	19	19	15	5	3	—	23
19.º	Desportiva	20	7	5	8	21	33	13	7	2	—	22
20.º	Sport	18	7	4	7	26	24	7	10	4	—	21
21.º	Santos	18	5	5	8	20	22	13	4	3	—	20
22.º	XV Piracicaba	18	4	8	6	12	17	12	5	1	—	18
23.º	Caxias	18	3	9	6	21	26	7	7	2	—	16
24.º	Fast	18	4	2	12	22	41	4	7	1	—	12

OBS: J (jogos), V (vitória), E (empates), D (derotas), GP (gols pró), GC (gols contra), FP (fase preliminar), FS (fase semifinal), FF1 (fase final, primeiro turno),

- Rivelino, qual foi o maior incentivo da sua carreira?



1977 - CLASSIFICAÇÃO FINAL

COLOCAÇÃO	CLUBES	J	V	E	D	GP	GC	PONTOS GANHOS		
								FP	FS	T
25.º	Internacional	13	7	3	3	22	10	18	4	22
26.º	Fluminense (RJ)	14	8	2	4	23	10	17	3	20
27.º	Guarani	14	5	2	7	18	10	15	3	18
28.º	Confiança	14	7	2	5	17	19	16	2	18
29.º	Ceará	15	5	2	8	15	15	10	7	17
30.º	Uberaba	13	5	5	4	15	10	11	6	17
31.º	Maringá	13	6	2	5	14	13	13	4	17
32.º	Goitacás	13	5	5	3	16	13	14	3	17
33.º	Portuguesa	14	6	2	8	13	12	17	0	17
34.º	Volta Redonda	15	3	6	6	17	16	9	7	16
35.º	Goiás	13	4	6	3	19	17	10	6	16
36.º	ABC	14	5	4	5	14	14	13	3	16
37.º	Vitória (BA)	15	4	4	7	14	20	6	9	15
38.º	Joinville	13	5	3	5	15	18	11	4	15
39.º	Juventude	13	5	3	5	12	11	8	6	14
40.º	Sampaio Correa	15	3	5	7	15	19	9	5	14
41.º	River	15	4	5	6	18	29	9	5	14
42.º	Vitória (ES)	15	4	4	7	12	30	9	5	14
43.º	Avaí	13	5	1	7	14	18	9	4	13
44.º	CRB	13	4	2	7	16	22	9	4	13
45.º	Atlético (PR)	13	3	5	5	19	21	9	4	13
46.º	América (MG)	13	4	1	7	13	18	5	7	12
47.º	CSA	13	3	4	6	12	16	11	1	12
48.º	Náutico	13	4	2	7	15	16	6	5	11
49.º	Coritiba	13	4	2	7	16	23	8	3	11
50.º	Paissandu	13	4	4	5	17	27	9	2	11
51.º	Americano	13	6	4	3	8	24	10	1	11
52.º	Brasília	13	5	1	7	10	27	11	0	11
53.º	Fortaleza	15	3	3	9	12	21	6	4	10
54.º	Treze	13	2	6	5	9	28	6	3	9
55.º	Nacional	13	3	2	8	9	22	8	1	9
56.º	Flamengo (PI)	15	0	6	9	8	25	4	4	8
57.º	Vila Nova	13	1	4	8	11	20	3	4	7
58.º	Fluminense (BA)	15	1	6	8	7	20	3	4	7
59.º	Botafogo (PB)	13	2	2	9	10	22	4	3	7
60.º	Goiânia	13	1	4	8	14	29	5	2	7
61.º	Sergipe	15	2	2	11	12	26	4	2	6
62.º	Dom Bosco	13	1	3	9	14	32	2	3	5

MELHOR ATAQUE: Atlético (MG) — 55 gols.
ARTILHEIRO: Reinaldo (Atlético MG)
 — 28 gols, em 18 jogos (média de 1,55 gols/jogo).

MELHOR DEFESA: Coríntians — 7 gols.
GOLEIRO MENOS VAZADO: Zé Carlos (Botafogo RJ)
 — 8 gols, em 18 jogos (média de 0,44 gol/jogo).

Final, segundo turno, T (total).

- O incentivo fiscal da Caderneta de Poupança.
 Nos outros papéis você paga Imposto de Renda. Na
 Caderneta você desconta. Um baita incentivo, né?

Caderneta
de Poupança



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ